

Referência:

OLIVEIRA, Marinês Barbosa de. A filosofia na biblioteca escolar: uma proposta de apoio à educação para o pensar. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 118-124. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

A FILOSOFIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: uma proposta de apoio à educação para o pensar

Marinês Barbosa de Oliveira*

Filosofia na biblioteca escolar. Trabalho de iniciação filosófica de crianças e adolescentes através do diálogo investigativo. Os alunos são levados a repensar suas idéias e transformá-las em objeto de investigação se apoiando em temas filosóficos implícitos na literatura infantil e infanto - juvenil. A biblioteca escolar pode se transformar no espaço propiciador do desenvolvimento das habilidades cognitivas. Conjugando leitura e discussão, oferece oportunidade para a criança repensar o que aprendeu na sala de aula se desenvolvendo enquanto sujeito social e questionador, adquirindo habilidades que levarão a um melhor aproveitamento do conteúdo curricular.

1 JUSTIFICATIVA

“O sujeito pensante não pode pensar sozinho, não pode sem a co-participação dos sujeitos no ato de pensar sobre os objetos. Não há um eu “penso”, mas um “pensamos”. É o pensamos que estabelece o “penso” e não o contrário.” (FREIRE, 1982).

O homem é um ser com os outros no mundo. Se identifica e se reconhece enquanto sujeito a partir da interação com os outros homens. Desta consciência intersubjetiva surgem questões sobre as quais sempre se procurou respostas.

O homem se pergunta sobre si, sobre o outro, sobre o mundo. Apreende a realidade a sua volta e desenvolve conceitos para identificá-la e interpretá-la de forma interativa com os outros homens. O homem vê o mundo através de seus próprios olhos, mas *penso* sobre si mesmo enquanto homem no mundo, através da visão dos outros homens. E reflete sobre isso.

O que identifica o homem como animal racional não é a capacidade de pensar, mas sim de pensar sobre o seu pensar, de voltar seu pensamento sobre si mesmo, revendo, analisando e reconstruindo seus conceitos.

Ao mesmo tempo que este processo é subjetivo, único, pessoal, é também intersubjetivo, porque os homens, compartilham seus pensamentos e, de forma dialética, criam infinitas possibilidades para o real. É através do diálogo, da troca de idéias que os homens aprendem.

Falamos aqui não do diálogo enquanto um tipo qualquer de conversação. Não se trata de um diálogo descomprometido e superficial sobre uma dada questão, mas sim, do diálogo como a forma socrática de aprendizagem. Sócrates levava seus discípulos ao conhecimento, incentivando-os a repensar suas idéias e a clarificar seus conceitos. Falamos do diálogo investigativo a cerca de questões polêmicas e intrigantes, presentes em nosso dia-a-dia. Estas questões têm lugar na Filosofia, portanto, falamos do

* Auxiliar de Biblioteca na Escola Municipal Prof. Amílcar Martins - Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Aluna de graduação do curso de Filosofia da UFMG.

diálogo filosófico. Este constitui, pois, uma forma de comunicação profunda onde as palavras não estão soltas nem vazias, mas representam a busca da significação da coisa em si.

Porque não criar na escola, que é um espaço sócio-cultural complexo, um ambiente onde a interação de grupos aconteça de modo a favorecer não só a socialização mas também o desenvolvimento da capacidade crítica e interpretativa através do exercício do diálogo filosófico?.

O educando tem o direito a fontes de informação em múltiplas linguagens - jornais, periódicos, textos científicos e literários - e, deve ser capaz de interpretar criticamente as informações, analisando-as e produzindo a síntese entre aquilo que lê, seus sentimentos e realidade dos fatos. Mas deve sobretudo, perceber que a sua interpretação não é a única possível, deve aprender a ouvir e respeitar as idéias do outro, mesmo que estas possam vir de encontro às suas próprias.

A biblioteca escolar pode ser o ambiente potencialmente ideal para a realização do trabalho de repensar o mundo, visto que oferece material suficiente para unir o conteúdo dado em sala de aula e a realidade dos fatos sob variados pontos de vista. Mas, além disso, a biblioteca pode se tornar lugar onde, através da discussão aprofundada, os alunos sintam-se estimulados a uma postura crítica, reflexiva e interativa diante daquilo que lhes é dado a conhecer.

2 CONCEITO DE BIBLIOTECA NA ESCOLA PLURAL.

“...porque a frase, o conceito, o enredo, o verso (e sem dúvida, sobretudo o verso) é o que pode lançar mundos no mundo”. (Caetano Veloso).

Uma das metas da Escola Plural¹ é o trabalho coletivo do corpo docente, favorecendo a interdisciplinaridade e o enfoque globalizador do ensino. Neste contexto, frisa-se a recuperação da escola como um espaço socio-cultural e, da biblioteca, como pólo centralizador de conhecimento.

“Inserida no espaço de uma unidade educacional, há que se ressaltar o caráter eminentemente pedagógico da biblioteca escolar. Esta consiste em um espaço centralizador do acervo bibliográfico e de material especial da unidade escolar, oferecendo suporte a pesquisas que ampliem, contestem e dialoguem com o conhecimento adquirido na sala de aula e com as experiências vivenciadas fora da escola.” (RIBEIRO² et al., 1997).

A biblioteca escolar portanto, dentro dessa perspectiva, deixa de ter um papel meramente contemplativo e secundário para ser cúmplice do processo educativo, complementando e dando suporte ao projeto pedagógico da escola.

3 A LEITURA COMO EXERCÍCIO DE PENSAR

“O livro é uma beleza, caixa mágica de surpresa...”(Elias José).

No livro a criança encontra visões de mundo diferentes, conhece situações e experimenta emoções com as quais identifica a si mesma e as outras pessoas, ampliando seus conceitos e transcendendo os limites de sua realidade.

O gosto pela leitura deve ser cultivado, pois oferece à criança uma dimensão para exercitar sua imaginação. Mas, tão importante quanto isso, é o fato de que as histórias contidas nos livros, configuram

¹ Projeto pedagógico desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, implantado em 1994, objetivando repensar as relações ensino-aprendizagem na escola - tradicionalmente fundamentadas em uma lógica transmissiva - propondo uma concepção pedagógica centrada na idéia de construção coletiva do conhecimento, onde professor e aluno são co-autores deste processo.

²Tadeu Rodrigo Ribeiro - Coordenadoria de Bibliotecas da SMED-BH

o certo e o errado, o moralmente aceitável e o socialmente condenável, ajudando a criança a formar seus valores, estimulando-a a se posicionar diante da vida, aceitando os obstáculos que se lhe apresentam como inevitáveis e não como invencíveis, fornecendo oportunidade para a criança expressar-se emocionalmente.

As atividades desenvolvidas na biblioteca, além de incentivarem o gosto pela leitura e a pesquisa, podem ir mais longe, podem ser coordenadas de modo tal, que possibilitem o desenvolvimento das habilidades de raciocínio, investigação, conceituação, análise, tradução e formulação, ou seja, das habilidades cognitivas ou habilidades de pensamento. LORIERI³(1996) justifica muito bem a necessidade de desenvolver tais habilidades :

“Se queremos crianças e jovens capazes de construir conhecimentos, teremos de estar provocando-os para que operem com as condições cognitivas acima indicadas, ao mesmo tempo em que estiverem trabalhando com os conteúdos de estudos: sejam os conteúdos das disciplinas escolares, sejam os conteúdos dos temas que provocam seu interesse.”

4 OBJETIVOS

“... ele (professor) não deve ensinar pensamentos, mas a pensar, não deve carregar seu aprendiz, mas guiá-lo, se quer que ele seja apto no futuro a caminhar por si próprio.” (KANT, 1996).

A proposta de levar a filosofia para a biblioteca, através da discussão de temas filosóficos relacionados aos assuntos apresentados na sala de aula, levantados a partir das necessidades demonstradas pelos alunos e ilustrados pela literatura infantil e infanto-juvenil, possui quatro objetivos específicos:

a) fazer da Filosofia uma ponte interdisciplinar que garanta uma interação dos conteúdos entre si, destes com a realidade e com o mundo tal e qual é percebido e sentido pelas crianças, abrindo um espaço onde estas possam discutir o que aprenderam, expor suas opiniões, repensar o que viram, perceber o próprio ato espontâneo de aprender, falar sobre suas dificuldades individuais e enquanto grupo;

b) desenvolver nos alunos suas habilidades cognitivas (Habilidades de Pensamento) levando-os assim a um pensar reflexivo, capaz de representar e explicar adequadamente a realidade, justificando tais explicações, articulando idéias e promovendo o raciocínio lógico, condições para um melhor aproveitamento dos conteúdos desenvolvidos na sala de aula;

c) despertar na criança, através da leitura das novelas filosóficas⁴, de livros de literatura, poesia e demais textos, uma outra dimensão do ato de ler, a apreensão de valores éticos e morais presentes nos modelos de comportamentos implícitos no conteúdo do texto, colaborando assim, para a formação de cidadãos éticos e conscientes de seus direitos e deveres, bem como da importância do seu papel na sociedade;

d) buscar coerência com o PROJETO DA ESCOLA PLURAL, que visa a realização de um trabalho coletivo do corpo docente, a recuperação da escola como espaço socio-cultural e a transformação da biblioteca escolar em um pólo de desenvolvimento do saber, onde sejam realizadas atividades de incentivo à leitura e de apoio interdisciplinar.

5 METODOLOGIA

“A Comunidade de Investigação é um estar a caminho. É adquirir a consciência do outro, sem perder a consciência de si.” (ALMEIDA e SANTOS, 1998).

³ Marcos A. Lurieri é diretor pedagógico do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças

⁴ Histórias infantis com fundo filosófico que compõem o Programa de Filosofia para Criança.

Para a realização deste trabalho, é importante que a biblioteca ofereça um espaço tranquilo e aconchegante, com uma estrutura diferente da sala de aula onde os alunos se sintam mais à vontade para refletir sobre o que pensam, emitir opiniões e expor suas idéias, aprendendo a dialogar filosoficamente, crescendo enquanto indivíduo e enquanto grupo, buscando formar assim, uma “Comunidade de Investigação”, para usar o termo da proposta educacional criada e desenvolvida pelo Dr. Matthew Lipman⁵, e seus colaboradores.

A idéia de Comunidade de Investigação deriva de um modelo em que a aprendizagem parte das práticas sociais e dos atos externos para as práticas individuais e os atos mentais.

“É o espaço onde, em conjunto, as crianças têm as condições e a oportunidade de, investigando, aprenderem a investigar. A partir de um tema de interesse mútuo (o que não significa que tenha que ser unânime), que envolva uma questão aberta (que seja contestável, que não tenha resposta única), as crianças investigam dentro de uma estrutura reciprocamente igualitária (cada um tem o direito de expor suas idéias e o dever de ouvir e examinar as idéias das outras) em busca de qual seja a “melhor” resposta para a questão.” (SÁTIRO⁶, 1994).

Por se tratar de uma atividade interdisciplinar que objetiva a interação dos conteúdos e uma reflexão crítica sobre os mesmos, é fundamental a realização do trabalho de forma conjunta entre professor e bibliotecário. Este último deve estar preparado para desempenhar o papel de coordenador do grupo, assumindo uma postura naturalmente questionadora e provocativa, incentivando a discussão organizada e as novas descobertas. O bibliotecário que assumir esta tarefa, passa a tomar parte do processo de ensino-aprendizagem e, se torna também, educador.

Logo, a atividade se inicia a partir dos temas vistos em sala de aula e que possam suscitar questionamentos por parte dos alunos como questões éticas, morais, etc.

Na biblioteca, é selecionado um livro de literatura, uma poesia ou uma música cujo enredo, relacionado aos temas escolhidos, motive a discussão. Trabalha-se geralmente um livro de cada vez. A atividade divide-se basicamente em quatro passos:

5.1 Organização da turma em círculo.

Apresentação dos “critérios norteadores do debate”. Dentre muitos combinados, citamos:

- a) manter o círculo organizado, para que todos possam se ver de maneira nivelada;
- b) participar da discussão. Cada qual deve se sentir como uma peça de um quebra - cabeça: fundamental para o todo;
- c) aguardar a vez de falar, para não atropelar a fala do outro;
- d) respeitar o outro e ouvir sua fala como uma possível fonte de verdade;
- e) levantar a mão para pedir a vez, não tumultuando a discussão.

Outras regras podem ser acrescentadas pelas próprias crianças e devem ser anotadas e observadas em todos os momentos da atividade.

5.2 Leitura do texto

A leitura pode ser feita de várias maneiras: compartilhada com os alunos, através de fantoches, teatro e desenhos ou utilizando a “contação” dramatizada.

5.3 Problematização

⁵ Filósofo norte americano criador do programa FILOSOFIA PARA CRIANÇAS.

⁶ Angélica Sátiro - Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças

Levantamento de questões a partir do texto.

5.4 Debate

Deixar que as crianças discutam as questões apresentadas conduzindo o debate visando o aprofundamento da discussão, a argumentação lógica e a clarificação dos conceitos.

5.5 Registro

Registro das informações a partir de dinâmicas de grupo, desenhos, cartazes, produção de textos, músicas, etc.

5.6 Avaliação

Podem ser realizados dois tipos de avaliação:

- a) avaliação da apreensão das idéias discutidas;
- b) avaliação da aula como um todo.

6 RELATÓRIO DA AULA DO DIA 03 DE JULHO DE 1998 PARA ALUNOS DO 1º CICLO DA ESCOLA MUNICIPAL PROF. AMILCAR MARTINS

Livro utilizado: O Rei de Quase Tudo

Tema abordado: Querer tudo para si.

Objetivo: Levar a criança a refletir sobre o egoísmo (o que é, o que pode causar às pessoas, onde podemos identificá-lo em suas várias formas, etc.), promovendo uma discussão a partir do que eles pensam sobre os limites da posse e do poder. Incentivar a cooperação e a capacidade de compartilhar, tanto bens materiais como sentimentos e amizade.

Recursos: Livro de literatura, flores de papel divididas em grupos de cores (vermelhas, amarelas, azuis, rosas), papel ofício, lápis de cor, fichas com desenhos que representem expressões humanas, quebra-cabeça.

Primeiro momento: Organizar a turma em círculo. Leitura dos critérios norteadores do debate, deixando que os alunos comentem cada um deles.

Segundo momento: Leitura dramatizada da história.

Terceiro momento: Problematização. Levantamento de questões a partir do texto. Distribuir as flores de papel de maneira aleatória e depois pedir que os alunos se agrupem conforme as cores. Pedir para as crianças dos grupos que comentem alguma parte do texto que lhes tenha chamado a atenção ou que não tenham entendido bem, escrevendo em uma folha de papel para que, posteriormente, seja colocada para o restante da turma.

Quarto momento: Deixar que discutam as questões apresentadas conduzindo o debate visando o aprofundamento da discussão, a argumentação lógica e a clarificação dos conceitos. Montagem do quebra-cabeça para definição da palavra “compartilhar”.

Quinto momento: Registro das informações. Ilustração das idéias. Dar para cada grupo um desenho a ser feito:

- a) aquilo que não pode ter dono;
- b) aquilo que é de todo mundo;
- c) aquilo que é de uma pessoa só.

Pedir que apresentem o que desenharam explicando e justificando o desenho. Deixar que os grupos interfiram na apresentação uns dos outros fazendo perguntas e emitindo opiniões a cerca do que está sendo exposto.

Sexto momento: Avaliação. Apresentar para a turma fichas com desenhos que caracterizam expressões de sentimentos humanos e pedir para que identifiquem, entre elas, aquela que melhor representa o sentimento nelas dispartado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não tenho caminho novo. O que eu tenho de novo é o jeito de caminhar”. (Tiago de Mello).

O sistema de ensino deve, mais que ensinar conteúdos, desenvolver nas crianças as condições para que sejam capazes de aprender a aprender, ou seja, sejam capazes de aprender percebendo a construção do próprio conhecimento e se identificando como sujeitos neste processo.

O Programa de Filosofia para Crianças visa a iniciação filosófica de crianças e jovens, dentro de uma metodologia que valoriza o raciocínio lógico-investigativo, visando a preparação para uma cidadania responsável. De acordo com esta perspectiva, os estudantes são estimulados a explicitar seus pontos de vista e a clarificar seus conceitos, expondo seus fundamentos e implicações. Isto pode ser feito através do diálogo investigativo a respeito de temas filosóficos levantados na sala de aula e presentes sob variados estilos na literatura infantil e infanto-juvenil. É neste momento que ocorre a inserção da biblioteca no processo educativo.

É na biblioteca que os diversos campos do saber humano se encontram. Nela, os alunos têm oportunidade de perceber as “franjas” do conhecimento onde a química se encontra com a história, a geografia com a biologia e a matemática com a língua portuguesa. Essa síntese é feita através do diálogo filosófico, uma vez que é a Filosofia, por excelência, a disciplina que nos permite pensar nos termos de todas as outras disciplinas.

Para tanto, não é necessário que se construa algo de novo. Mas sim, que se olhe de forma diferente para aquilo que já existe nas bibliotecas.

Incentivar a leitura é importante, mas é preciso levar o leitor a repensar sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca. É necessário deixá-lo positivamente intrigado, levando-o à compreensão progressiva daquilo que lê e permitindo que não dê ou aceite quaisquer respostas definitivas. Assim, se faz imprescindível o incentivo à leitura crítica onde ocorra um diálogo entre aquele que lê e aquele que escreve suas idéias.

Cabe a nós educadores assumirmos também esta postura crítica e inovadora diante dos métodos que usamos visando a aprendizagem. Os frutos, colheremos ao longo do caminho.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALMEIDA, Nondeilde Ferraz de, SANTOS, Raquel. *Filosofia para Crianças um caminho*. Belo Horizonte: Cultura, 1998. 78p.
- 2 FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1982.

- 3 KANT, Emanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Pensadores). (Tradução de: *Kritik der reinen Vernunft*).
- 4 LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1988. 249p.
- 5 LIPMAN, Matthew. *Educação para o Pensar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- 6 LIPMAN, Matthew. *Filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- 7 LORIERI, Marcos A. A Educação para o Pensar e a Comunidade de Investigação. In: *Reflexões sobre uma educação para o pensar*. São Paulo: C.B.F.C (Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças), 1996.
- 8 RIBEIRO, Tadeu Rodrigues et al. *Organização da biblioteca escolar*. Belo Horizonte: PBH-SMED. Coordenadoria de Bibliotecas, 1997. 30p.
- 9 SÁTIRO, Angélica. *Com diálogos, relatos e reflexões*. Belo Horizonte: Cultura, 1998. 60p.